



DISCURSOS



Discurso de recepção aos novos consócios do Instituto do Ceará, Marcelo Gurgel Carlos da Silva e José Reginaldo Lima Verde Leal

OSMAR MAIA DIÓGENES*

Decisão honrosa do presidente deste sodalício, educador Ednilo Soárez, designou-me para saudar os dois ilustres recipiendários, que nesta magna sessão solene, recebem o galardão de sócios efetivos da casa de Barão de Studart, acolhedora e tradicional mansão do saber e da cultura, panteon sagrado e santificante de consócios sobejamente dotados da divina e sublime arte e ciência do saber, pacientes e dedicados mestres do aprender, do ensinar e registrar o que de mais importante se escreveu entre nós, sobre estudos voltados à história, à geografia e à antropologia.

Ao nosso olhar respeitoso e admirado, o Instituto do Ceará representa uma galeria de figuras notáveis, de personalidades reconhecidamente ilustres, que de forma exemplificadora, permanente e brilhante, muito honrosamente se têm sentado nestas cadeiras venerandas.

Se evocássemos o simbolismo religioso, diríamos que este é um momento votivo, hora de culto ante um altar de auras multicores, de luzes resplandecentes. A recepção de novos consócios, ora sagrados na pia batismal deste Olimpo, caracteriza o luzir fecundo dos amantes da cultura, o brilho fascinante e esplendoroso de quantos fazem do livro um buquê de flores, posto sobre augusto altar da inteligência.

Mas cabe-me alertar aos novos congregados desta confraria de homens de espírito, instigar mesmo as vossas inteligências, oh ilustres noviços, para que possais guardar no recanto mais sensível de vossos

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

corações, esta maravilhosa exortação ditada a Moisés ante uma sarça ardente que não se consumia pelo fogo, simbolismo ora aqui exposto em correlação ao Instituto do Ceará: “Moisés, bate a poeira de tuas sandálias, pois o chão que pisas é terra santa”.

Entre alegre, regozijado e temeroso, sinto-me acalentado pela relevância do momento, levado a repetir a sábia lição proferida por Renan, o magnífico mestre da Academia Francesa: “É difícilimo provar que se é modesto, pois, desde que se diz sê-lo, deixa-se de sê-lo”. Tentando sobrepor-me ao dilema formal entre a altivez exagerada do intemorato, e a modéstia filosófica da prudência, impossível mostrar-me alheio a uma ponta de sadio júbilo por tão lisonjeira e auspiciosa deferência.

Marcelo Gurgel Carlos da Silva e José Reginaldo Lima Verde, os dois ilustres mestres que ora recebem a ablução, a admissão como eleitos membros efetivos deste centro de cultura, somam-se ao seletivo quadro de consócios, os de ontem e os de hoje, astros fulgurantes de uma constelação de eméritos intelectuais, aboiadores cantantes pelos caminhos infinitos do cronos, do tempo, perpetuadores e criadores do formidável reconhecimento nacional às letras cearenses.

De 1887 aos dias de hoje, já foram arrancadas cento e vinte e seis vezes, do calendário do tempo, a folha de 4 de março, praticamente 127 vezes, desde a inspirada instalação desta Casa. Na transitoriedade do tempo, cento e quarenta e seis consócios, contando convosco, receberam a unção honrosa de membros efetivos do Instituto do Ceará, numa simbiose perfeita de sabedoria, reconhecimento e convivência fraterna.

Os comissionados à presidência da instituição, em número de dezessete, guiados sabiamente pela bússola da competência, nunca perderam o norte do nosso porto seguro. Esses ilustres senhores deixaram-nos sábias lições de exemplos e amor a esta Casa, práticas que não só devemos enunciá-las e repeti-las, mas vivenciá-las de forma efetiva e amorosamente.

Um organismo de vida secular como o Instituto, maduro em experiência e no tempo, reclama a inoculação de energias frescas, de entusiasmos novos, de determinações decididas, capazes de aliviar as fadigas naturais da fatalidade do peso dos anos, num processo inteligente, necessário, prudente e inexorável de renovação.

Através da publicação anual e ininterrupta de sua Revista, órgão vital e propulsor da casa, nos últimos anos, sabiamente codificada e

organizada pelo ilustre consócio Pedro Alberto, a quem prestamos o nosso respeitoso carinho e reconhecimento, tem testemunhado a presença constante em nossos quadros, de mulheres e homens sóbrios, cultores e louvadores das letras nacionais. O que de melhor e mais importante foi estudado, pesquisado e escrito, acerca da história, da geografia e da antropologia no Ceará trazem a chancela dos mestres do Instituto.

Reconheço que deverei ser breve, e bem utilizar este precioso tempo de apresentação, para uma retrospectiva absolutamente sucinta do panorama cultural cearense, ao correr da centúria de 1800, isto para clarear os caminhos do alvorecer do Instituto do Ceará. Sabemos que os dados ora oferecidos são todos do pleno conhecimento dos consócios, razão por que acredito mais úteis aos demais presentes que nos prestigiavam nesta noite.

Pelos anos de 1880, Fortaleza começava a ter expressão como cidade. Na realidade eram poucas as suas ruas, com iluminação rudimentar, de azeite de peixe. De educandário público, somente o Liceu do Ceará, que é de 1845. Desde 1863 funcionava na capital da Província o Ateneu Cearense, fundado por Costa Mendes, de orientação pedagógica então avançada. É de 1864 a instalação do Seminário da Prinha, com porte de academia, e de 1865 o Colégio da Imaculada Conceição.

Em 1870, jovens intelectualizados instalam a Academia Francesa do Ceará. Em 1875, Fortaleza conta no seu cenário cultural com o Gabinete Cearense de Leitura, senhor de uma biblioteca aberta ao público, e o razoável acervo de dois mil livros.

É esse Gabinete que faz instalar na Província o Instituto Histórico e Geográfico Cearense, fundado em 6 de novembro de 1877. Barão de Studart informa que essa agremiação não foi adiante, morrendo logo ao nascer.

Dez anos depois surge uma nova Tebaida, retiro de intelectuais, isto em 4 de março de 1887, o Instituto do Ceará, por iniciativa de doze estudiosos da história e da geografia, com atuação ativa e permanente no cenário de nossa intelectualidade. Num preito de reconhecimento aos fundadores, citemos Paulino Nogueira, o mais erudito e o orago do grupo, professor e diretor do Liceu do Ceará, deputado geral e vice-presidente da Província do Ceará, e nosso primeiro presidente.

Ressalte-se também o Barão de Studart, então o mais jovem do clã, com 32 anos, por decênios o grande mantenedor da Casa, até ser

chamado em 1938 à outra morada de Deus. O objetivo da sociedade era “tornar conhecidas a história e a geografia da Província, e concorrer para o desenvolvimento das letras e da ciência”. Essas informações nos foram legadas pelo historiador Raimundo Girão, nosso consócio, num momento idêntico a este, em noite de recepção festiva, em 25 de agosto de 1955.

O espírito que anima hoje esta Casa de Cultura é o mesmo vivenciado em todas as décadas passadas, em ocasiões similares. Nesta reunião solene de recepção de novos membros, como recomenda a ritualística acadêmica, deve o apresentador percorrer, de forma sumária, o *curriculum vitae* dos recém-chegados, dados suficientes e indicador da justeza de suas escolhas pelo corpo de votantes.

Assim, estimados novos consócios, na usança desse estilo clássico e tradicional, legado desde o ano de 1530, do Colégio de France, compete-me a mui agradável e honrosa comissão, de além de saudar-vos, também enaltecer os vossos méritos, falar sobre as vossas origens, trabalhos e triunfos na vida cultural e profissional, em virtude dos quais fostes eleitos. Mas é importante e também prudente vos levar à reflexão sobre o valor literário do Instituto, e do mérito e saber dos membros efetivos deste templo.

Não deverei esquecer de lembrar as qualidades e resultados práticos aguardados de vós, e ressaltar que foram os vossos requisitos intelectuais e morais, a análise de vossas produções literárias, as vossas qualificações meritórias, os fatos aconselhadores norteadores dos votos regimentais à concessão do placet, à consequente aprovação dos vossos nomes.

Minhas senhoras e meus senhores, nunca me arvorei de juiz de consciências alheias. Nem o grande mestre Jesus assim se postou quando inquirido acerca desse sagrado direito. Aprendi com Voltaire, o criador da Primeira Filosofia da História, que unicamente os filósofos deveriam escrever sobre história, preceito defendido também por Benedetto Croce, crítico e político italiano, senhor de grande influência sobre o pensamento liberal. Esse mestre vaticinou: que “a história deve ser escrita por filósofos”. Mas cada vida é uma história, e todos os consócios reservam ao Instituto um pouco de sua história, uma parcela de suas vidas, verdadeiros registros ao julgamento da posteridade.

Sem auto-me afirmar historiador ou filósofo, entendo os recipiendários merecedores deste batismo sacrossanto, pois assim também concluiu a meticulosa Comissão de Verificação, a lucidez da diretoria, e o aprovo dos consócios votantes.

Nesta noite os nossos olhos estão voltados para os novos obreiros da Casa. Reginaldo Lima Verde, escritor, cientista, engenheiro e geólogo pela Escola Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, pós-graduado pela Escola Superior de Geologia de Nancy e pela Universidade de Sorbone, na França; e Marcelo Gurgel, médico e professor universitário, economista, com pós-doutorado em Economia da Saúde pela Universidade de Barcelona, na Espanha, emérito, talentoso, versátil e inspirado escritor.

Muito mais poderia enumerar sobre os mesmos, um rol de obras editadas, palestras, diplomas, artigos publicados na imprensa, mas cabe-me evitar a prolixidade e observar a expressa e regimental recomendação do tempo destinado aos oradores desta solenidade, isto em respeito à seleta assistência. Parece-me cauteloso deixar aos recepcionados esses complementos de seus próprios dados. Que façam o realce que julgar importante, naturalmente com parcimônia e clareza, nos limites do crédito dos 15 minutos que nos foram democraticamente abonados.

“O louvor, na realidade faz-se com poucas palavras”, já dizia Machado de Assis, o autor de *Quincas Borba*. Nada mais natural a nossa alegria, por contarmos com novos parceiros em tão laboriosa jornada. Precisamos, Marcelo e Reginaldo, do vosso labor, esta a nossa esperança, traduzida em perene devotamento à Casa, que tão afetuosamente vos acolhe.

Sede bem-vindos e felizes entre nós. Estamos jubilosos com as vossas presenças, e muito nos honram as vossas companhias. Elas representam soma e renovação ao processo natural e contínuo do vir a ser dinâmico da Casa do Barão.

Concluo, presidente Ednilo Soárez, lembrando um dos mais belos textos da literatura universal, o cântico sublime de Davi, exaltando a paz, o progresso e a união fraternal:

Oh; quão bom e suave é que os obreiros da seara vivam e habitem em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre

a barba de Arão, sobre a gola das suas vestes. É como o orvalho de Hermom, que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordenou a benção e a paz para sempre.

Muito obrigado.

(Discurso pronunciado na noite de 23 de janeiro de 2014).